



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ E SUA CARTA ATENAGÓRICA:
CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE OCTAVIO PAZ

Denise do Nascimento Nunes Queiroz

RIO DE JANEIRO

2023

Denise do Nascimento Nunes Queiroz

DRE: 115087694

**SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ E SUA CARTA ATENAGÓRICA:
CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE OCTAVIO PAZ**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito para a obtenção do título de licenciatura
em letras, com habilitação em Português/Espanhol.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Fernández Labriola

RIO DE JANEIRO

2023

FOLHA DE AVALIAÇÃO

**SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ E SUA CARTA ATENAGÓRICA:
CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE OCTAVIO PAZ**

Denise do Nascimento Nunes Queiroz

DRE: 115087694

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Fernández Labriola

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para a obtenção do título de licenciatura em letras, com habilitação em Português/Espanhol.

Data da avaliação: 05 de dezembro de 2023

Examinada por:

Prof. Dr. Rodrigo Fernández Labriola
UFRJ (Orientador)

NOTA:

Prof. Dr. Víctor Lemus
UFRJ (Leitor Crítico)

NOTA:

MÉDIA FINAL:

Assinaturas dos avaliadores:

Rio de Janeiro
Dezembro de 2023

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus por ter me dado saúde e forças necessárias para trilhar esses longos anos de estudos, porque sem isso seria impossível. Foram muitos os ‘altos e baixos’ ao longo desse percurso, mas sempre foi a resiliência concedida pelo divino que me manteve de pé para chegar até aqui.

Agradeço aos meus familiares, mãe, irmãs, filhos, netinha (ainda bebezinha, mas que também marcou esse final com o seu nascimento, irradiando-me felicidade) e marido por todo o apoio e incentivo à realização desse trabalho. Muitas vezes me senti desanimada e o apoio familiar naquele momento tornou-se algo fundamental. Em especial, sou muito grata ao meu filho Vinícius que me socorreu inúmeras vezes com os meus trabalhos, pois tenho dificuldades com a tecnologia.

Gratidão ao meu pai (in memoria) que embora não faça mais parte deste plano físico, foi fundamental para minha formação e constituição dos meus valores que contribuíram para me tornar quem eu sou hoje.

Agradeço, também, ao professor Rodrigo Labriola por ter aceitado ser meu orientador e ter desempenhado tal função com dedicação e paciência. Sou muito grata a você, pois sem a sua ajuda esse trabalho não teria acontecido.

Agradeço a minha sobrinha Jeane Nunes, que também é graduada em Português/Espanhol por todo apoio ao longo desses anos de estudos e que estava sempre disponível para me socorrer nos momentos de dificuldades acadêmicas.

Agradeço a minha amiga Elizabeth Nandes que trilhou comigo nessa longa caminhada, pela parceria nos trabalhos, por todos os momentos de desabafos e conversas que tivemos que me motivava a continuar.

E por fim, agradeço a todos aqueles que contribuíram, seja de forma direta ou indireta, para que esse trabalho pudesse ser realizado.

RESUMO

O objetivo desta dissertação é apresentar, de maneira sucinta, a vida e obra de um dos maiores nomes da poesia barroca, Sor Juana Inés de la Cruz, uma mulher que conseguiu se sobressair em meio aos desafios que caracterizavam a sociedade da época. Entre suas obras mais expressivas, destacam-se: *'A Carta Atenagórica'* e a carta *'Respuesta a Sor Filotea de la Cruz'* que compõem o corpus do presente trabalho. A produção dessas cartas marcou um período de conflitos e evidenciou a posição que a monja ocupava naquele contexto, além de revelar como as disputas políticas eram marcadas com discursos de cunho filosófico e teológico. Esse trabalho de conclusão de curso foi organizado em três divisões, assim distribuído: A primeira parte intitulada "Sor Juana segundo Octavio Paz" é dedicada à biografia de Sor Juana, no qual exponho a sua vida na corte e no convento. Consecutivamente, a segunda parte intitulada "A Carta Atenagórica e sua Polêmica" possui um caráter analítico, pois me debrucei a analisar alguns trechos a partir da minha perspectiva enquanto leitora. E por fim, "as considerações finais", não tem a pretensão de funcionar como uma conclusão, uma vez que, ao contrário, é necessário dar continuidade na pesquisa sobre a história de vida de uma mulher, desconhecida pela maioria da sociedade.

Palavras chave: Sor Juana, Octavio Paz, obra, vida, convento.

RESUMEN:

El objetivo de esta disertación es presentar de manera sucinta, la vida y la obra de uno de los más grandes nombres de la poesía barroca, Sor Juana Inés de la Cruz, una mujer que logró destacarse en medio de los desafíos que caracterizaban la sociedad de la época. Entre sus obras más expresivas se destacan: 'La Carta Atenagórica' y la carta 'Respuesta a Sor Filotea de la Cruz', que forman el corpus del presente trabajo. La producción de estas cartas marcó un período de conflicto y destacó la posición que ocupaba la monja en ese contexto, además de revelar cómo las disputas políticas estuvieron marcadas por discursos filosóficos y teológicos. Este trabajo de conclusión de curso se organizó en tres capítulos, distribuidos de la siguiente manera: La primera parte titulada “Sor Juana según Octavio paz”, está dedicada a la biografía de Sor Juana, en la que expongo su vida en el convento y en la corte. Consecutivamente, la segunda parte tiene un carácter analítico, ya que me centré en analizar algunos trechos desde mi perspectiva como lectora. Finalmente, “las consideraciones finales” no pretende funcionar como una conclusión, ya que, por el contrario, es necesario continuar investigando la historia de vida de una mujer, desconocida para la mayoría de la sociedad.

Palabras clave: Sor Juana, Octavio Paz, obra, vida, convento.

Sumário

1. Introdução.....	08
2. Primeira Parte: Sor Juana segundo Octavio Paz.....	09
3. Segunda Parte: A “Carta Atenagórica” e sua Polêmica.....	18
4. Considerações Finais.....	28
5. Bibliografia.....	30

ANEXO:

Corpus disponível em

INTRODUÇÃO

Quando pensamos no passado, não imaginamos o quanto foi sofrido para alguns se desvincularem de padrões preestabelecidos em determinadas épocas. Sendo assim, irei desenvolver uma breve biografia que contribuirá para entendermos os conflitos vividos por uma mulher na sociedade mexicana do século XVII. O foco deste documento será a vida e obra de uma das poetisas mais importantes do período moderno, no México, Sor Juana Inés de la Cruz. Mulher, monja e intelectual que se destacou em uma sociedade em que as mulheres, os negros, os índios, os não cristãos compunham o grupo de pessoas comuns. Trata-se de uma tarefa difícil falar sobre a biografia de Juana Inés, pois são várias interpretações que divergem entre si. Dessa forma nenhum dos estudos feitos deu conta de toda a plenitude que essa figura histórica nos requer.

Para a realização da minha monografia, optei pelo olhar contido no livro de Octavio Paz, *Sor Juana Inés de la Cruz, o Las trampas de la fe*, de 1982, que apresenta uma descrição a partir da perspectiva do autor sobre os fatos vivenciados pela monja durante sua vida. No decorrer da obra literária de Paz, dentre todos os aspectos descritivos e analíticos relacionados à vida e os feitos de Sor Juana, existe uma definição, indireta, feita pelo autor, a respeito do conceito de modernidade. Trata-se de uma definição implícita, pois não é algo demarcado como em um dicionário gramatical, mas sim serve para definir a noção de modernidade.

Entende-se costumeiramente o termo “modernidade” como tudo aquilo que é atual, além de ser a expressão daquilo que é “moderno”. No entanto, para Octávio Paz, o termo também representa aquilo que vive em constante processo de mudança. Sendo assim, a modernidade é uma tradição polêmica, uma vez que ela se apropria da tradição já consolidada, qualquer que seja esta, e faz uma releitura, tornando-a uma manifestação da atualidade. Nesse sentido, a modernidade significa, segundo Paz, “outra tradição” e, portanto, o moderno é autossuficiente: cada vez que aparece, funda a sua própria tradição. Nessa linha é que podemos ler hoje a “modernidade” de Sor Juana.

PRIMEIRA PARTE: SOR JUANA SEGUNDO OCTAVIO PAZ

Em 1982, o autor Octávio Paz publica seu monumental trabalho intitulado *Sor Juana Inés de la Cruz o Las Trampas de la Fe*. Nessa obra, Paz reúne informações de diversas naturezas, discorre sobre toda a vida da autora, e também apresenta análises sobre seus textos, contexto histórico, a vida no convento e na corte. Além de disso, cita vários personagens que de forma direta ou indireta fizeram parte de sua vida. Primeiramente, Paz faz uma análise sobre si mesmo, ao dizer que era “Un mexicano del siglo XX que lee la obra de una monja de la Nueva España del siglo XVII” (PAZ, 1982, p. 18)

Para contextualizar seu estudo, Octávio Paz apresenta duas versões sobre história do México. A primeira é que o México nasce como um estado asteca ou até antes, perde sua independência no século XVI e a recupera em 1821. A outra é que suas raízes estão no mundo pré-hispânico, e os três séculos da Nova Espanha, especialmente o XVII e o XVIII, são o período da gestação, a independência é o amadurecimento da nação, algo como sua maioridade. Segundo Paz, a história do México revela a existência de três sociedades distintas. Nesse sentido, a primeira é conhecida com o nome de Império Mexica; a segunda é o vice-reinado da Nova Espanha; e por último, a nação mexicana. Assim, em vez de conceber a história do México como um processo linear, ela deveria ser vista como uma justaposição de sociedades diferentes. Sobre o mundo pré-colombiano, construiu-se uma sociedade diferente denominada de Nova Espanha, a qual alcançou o seu apogeu no século XVIII e foi derrotada nas guerras civis da primeira metade do século XIX. Paz afirma que a Nova Espanha não se parecia nem com o México pré-colombiano e nem com o atual. Do mesmo modo, parecia-se muito menos com a Espanha, embora tenha sido um território submetido à coroa espanhola.

Com o propósito de estudar a vida de Sor Juana, Octávio Paz utilizou dois textos: a carta escrita por ela ao bispo de Puebla, Manuel Fernández de Santa Cruz (“Respuesta a Sor Filotea de la Cruz”) e a biografia do jesuíta Diego Calleja. Apesar dos dois textos conterem muitas informações e por mais que se tenham imergido nas pesquisas sobre sua vida, houve lacunas sem respostas. Nesse viés, embora haja carência de documentos que comprovem alguns fatos sobre sua trajetória, é um consenso geral considerar Sor Juana como uma das maiores expoentes da poesia em língua espanhola do século XVII. Mas o fato é que existem muitos mistérios sobre a

história de uma freira que passou grande parte da sua vida enclausurada em um convento de dominação masculina, o que despertou o interesse de estudiosos em investigar a monja que viveu há mais de quatro séculos.

Em sua obra, Octavio Paz cita a pesquisadora Dorothy Schons, pois ela teve um papel fundamental ao trazer importantes esclarecimentos sobre a vida de Sor Juana. Dorothy foi pioneira nos estudos de literatura novo hispânica nos anos em que se negava a existência de uma literatura mexicana. A estadunidense foi à primeira pesquisadora que produziu uma biografia crítica sobre a vida da monja, além de ser responsável pela descoberta de diversos documentos e textos inéditos. Publicou em 1926 um ensaio no qual faz várias perguntas sobre a trajetória da monja: Porque vestiu o hábito? Qual o seu nome? Porque renunciou as letras? Esse ensaio também apresenta as dificuldades reais encontradas por Sor Juana ao enfrentar o arcebispo Aguiar y Seixas e outros jesuítas. Portanto, a erudita tentou compreender como uma mulher, até então desconhecida, conseguiu sobressair-se numa sociedade misógina.

Juana Ramírez de Asbaje conhecida como Sor Juana Inés de la Cruz e também pelo apelido de “Fenix da América” e a “A Décima Musa” nasceu em 12 de novembro de 1651, em San Miguel Nepantla, um pequeno povoado aos pés do vulcão Popocatepetl. Morreu aos 47 anos no convento de São Jerônimo, onde vivia. Devido à ausência de documentos, questiona-se a data de nascimento de Sor Juana. Apesar das pesquisas sobre sua trajetória de vida, não foi encontrado nenhum registro que comprove a veracidade dessa data. Sabe-se que foi filha de Isabel Ramírez de Santillana, uma *criolla* e de um fidalgo basco, Pedro Manuel de Asbaje y Vargas Machuca. Segundo relatos, seu pai era totalmente ausente da sua vida. Por esse motivo, o mistério em torno da paternidade de Sor Juana sempre gerou preconceito nos meios em que ela circulava.

Em razão da falta de informações, pouco se sabe sobre sua família, e sendo assim, talvez essa seja a chave para entendermos algumas lacunas que têm sua obra. Paz nos relata uma vida muito sofrida que tinha a mãe de Sor Juana. Apresenta-nos uma mulher mãe de seis filhos, todos ilegítimos, analfabeta e, não obstante, capaz de lidar com os assuntos da fazenda que lhe deixou o pai. Essa experiência vivida por uma mulher (sua mãe) deve tê-la impressionado, marcando-a para sempre. Além disso, tinha conhecimento da condição de vida de suas duas irmãs, que viveram amasiadas com diferentes homens, confirmando suas concepções sobre o tratamento injusto que se dava às mulheres.

De acordo com Paz, Juana Inés era uma menina que vivia em um mundo criado por ela mesma, estava sempre sozinha. Juana era uma criança curiosa, almejava conhecimento, o que foi determinante para que ela desbravasse caminhos que a tornaria uma das maiores intelectuais de todos os tempos. Daí que aos três anos de idade pediu que a professora de uma de suas irmãs lhe desse algumas lições. Em torno dos seis/sete anos já sabia ler e escrever. Quando soube da existência da Real Universidade do México, pediu a sua mãe que a disfarçasse de homem para que pudesse frequentar as aulas na instituição.

Diante da recusa da mãe, a única maneira de continuar em busca de conhecimento foi frequentando a biblioteca do seu avô. Esse era proprietário de uma fazenda, onde Juana viveu os primeiros dez anos de sua vida. Lá, ela teve acesso aos livros do seu avô que a levou a explorar um mundo até então desconhecido, um universo que não era comum às mulheres. Um aspecto interessante está relacionado ao fato de que desde pequena já adotava algumas medidas para se autodisciplinar. Soube que não deveria comer queijo, pois deixava as pessoas abobadas, e mesmo gostando muito, não comia. O aprendizado, para ela, estava acima de tudo, tanto que:

Para aprender gramática, se cortaba cinco o seis dedos de pelo y se los volvía a cortar si, en un plazo que ella misma se fijaba, no había aprendido la lección... (PAZ, 1982, p. 109)

De acordo com Paz, Juana tinha grande facilidade para o aprendizado. Ela era capaz de ler e escrever em latim, e havia quem especulasse que ela possuía conhecimentos em português e italiano. Por essas habilidades foi difícil determinar quantos livros conseguiu reunir em sua biblioteca, mas não há dúvida que foi uma quantidade considerável de exemplares. O seu acervo, além da poesia espanhola, era composto pelos tratados de mitologia e havia um espaço ocupado pela literatura latina. Ao longo de sua obra, Paz cita vários autores que influenciaram a monja, entre eles destacam-se quatro grandes poetas latinos: Virgílio, Horácio, Ovídio e Lucano.

Como mencionado anteriormente, o gosto de Sor Juana era variado, além de ter contato com diversos autores também se dedicou a temas distintos. Trata-se de uma jovem mulher poeta, afeiçoada à teologia e a mitologia, amante da música e curiosa pelas ciências e informações raras. Ao longo da sua vida, Sor Juana produziu um grande número de poemas, prosas e peças teatrais religiosas. Nesse sentido, Octávio Paz

destaca três obras que são, talvez, as mais enigmáticas da autora: *Primero Sueño*, *Carta Atenagórica* e *Carta Respuesta a Sor Filotea de La Cruz*.

No ano de 1655, após o falecimento do seu avô, Juana Inés foi morar na cidade do México na casa de uma tia materna, María Ramírez. Essa tia era casada com um homem que tinha bons relacionamentos na corte. Por essa razão, ela foi viver na corte. Foi nesse lugar que ganhou a admiração e o respeito de todos que a conheceram. Tornou-se especial não só por ser poeta, mas também por romper com os valores misóginos institucionalizados na época.

Juana Inés viveu em uma época em que as mulheres eram limitadas a duas escolhas: ao matrimônio ou à vida religiosa. Casar-se não era o seu desejo, por isso foi morar em um convento, porque lá teria acesso ao conhecimento que fora dele seria inalcançável. Em 1669, aos 21 anos, entrou no convento de São Jerônimo, e lá ganhou o título de “Sor” (irmã). Mas, segundo Paz, o preço de morar no convento era alto, porque nesses espaços havia muita fofoca e intriga:

Para servirse de los otros, el ambicioso no tiene más remedio que servillos. Sor Juana se quejó mucho de las intrigas y envidias de sus hermanas; es casi seguro, además, que su renuncia a las letras haya sido el resultado de una cábala clerical en su contra. Pero ella también, según se verá más adelante, dominó este arte hecho de ingenio, disimulo, paciencia y sangre frío. (PAZ, 1982, p.177)

Mesmo integrando a vida religiosa Sor Juana permaneceu em contato com a vida mundana da corte. O fato é que, em 1664, aos quinze anos, Juana foi para a corte que era composta pelo vice-rei e pela vice-rainha. A poetisa ganhou grande prestígio ao ser querida por essa “segunda corte espanhola” e estabelecer posteriormente vínculos com os soberanos. Nesse contexto, foi dama de companhia da vice-rainha Leonor Maria Carreto Marquesa de Mancera, a convivência com essas pessoas influentes foi determinante na vida de Sor Juana. Esse ambiente favoreceu o acesso a grandes estudiosos e possibilitou que ela conhecesse aquele que seria o responsável por sua entrada no claustro: o padre Antonio Núñez de Miranda, pois segundo ela: “para la total negación que tenía al matrimonio, era lo menos desproporcionado y lo más decente que podía elegir en materia de la seguridad que deseaba de mi salvación” (PAZ, 1982, p.156)

Sor Juana teve o privilégio de desfrutar do convívio de quatro grandes personalidades que a protegeram: o marquês de Mancera, frei Payo de Rivera, o

marquês de La Laguna e o conde de Galve. A chegada desses vice-reis ao México era vista como uma alegoria política. No porto de Vera Cruz as autoridades os recebiam, onde aconteciam a entrega das chaves e a celebração do *Te Deum*. No trajeto, os vice-reis eram recebidos por autoridades, o caminho era limpo e enfeitado para a passagem deles e cada um recebia os cumprimentos em seus respectivos idioma.

Las festividades constituían una liturgia política. Su función era doble: por una parte, era una reiteración ritual de los vínculos que unían al rey con sus súbditos de Nueva España; por la otra, en esos actos las dos naciones que, según una ficción jurídica, componían el reino: la nación española y la india se mezclaban en un todo unitario. En el rito, se realizaba, simbólicamente, una doble relación: la del señor con sus vasallos y la del pueblo consigo mismo. (PAZ, 1982, p. 195)

Em 8 de Maio de 1680 foi nomeado vice-rei da Nova Espanha o marquês de La Laguna, na praça de Santo Domingo. Em Nova Espanha não havia festa mais luxuosa que a posse de um novo vice-rei. Para estas festividades eram feitas construções denominadas “Arcos Triunfais”. O arco triunfal foi um monumento erguido para as grandes celebrações públicas barrocas. Tanto Sor Juana quanto o poeta Sigüenza y Góngora foram os responsáveis pela celebração da posse do vice-rei, o que mostra o prestígio alcançado intelectual e politicamente por Sor Juana. Os arcos foram descritos nas obras *Neptuno Alegórico* e *Theatro de Las Virtudes Políticas*.

Há sido el lucimiento de los arcos triunfales erigidos en obsequio de los señores virreyes que han entrado a gobernar este nobilísimo reino, desvelo de las más cortadas plumas de seus lúcidos ingenios; porque segundo Plutarco, praeclara gesta praeclaris indigento rationibus”. (apud. PAZ, 1982, p.206)

Desconhecem-se os motivos pelos quais, pouco tempo depois, foi nomeado como arcebispo do México Francisco de Aguiar y Seixas, que iniciou uma política de austeridade que poucos apoiaram. Ele não só proibiu que as religiosas dos conventos da Imaculada Conceição e do San Jerônimo recebessem visitas em seus locutórios, como também impediu os espetáculos públicos, sobretudo o teatro, as touradas e as brigas de galos. Ao mesmo tempo, coincidentemente, estreava na cidade do México uma comédia de Sor Juana, *Los empeños de una casa*, trata-se de uma obra solicitada pelos marqueses de la Laguna. O arcebispo era conhecido, além de sua forma de censurar, pelo horror que tinha as mulheres. A aversão que sentia era tão exagerada que já a qualificavam como mania. O padre José de Lezamis, seu confessor, recorda-se de

escutá-lo falar: “que supiera que ha entrado una mujer e su casa, había de mandar arrancar los ladrillos que ella había pisado (...)” (PAZ, 1982, p.531). A figura desse arcebispo mostra a dimensão dos obstáculos que teve que superar Sor Juana para se tornar reconhecida na Nova Espanha.

De acordo com Paz, a profissão religiosa neutralizou a sexualidade de Sor Juana. Neutralizada, ela conseguiu adentrar naquele mundo inacessível para as mulheres e vivenciar os privilégios masculinos. Desse modo, esse foi o caminho escolhido por ela para desenvolver-se intelectualmente. Para alcançar o seu propósito, optou por viver no convento, uma vez que naquele lugar poderia se dedicar integralmente aos estudos. A princípio, Sor Juana entrou como noviça no convento de San José de las Carmelitas Descalzas, aos dezenove anos. No entanto, a ordem possuía normas muito severas, que a motivou a deixar o convento e regressar ao mundo. Porém, apesar das asperezas daquele lugar, Sor Juana não desistiu do seu intuito e retornou ao claustro, porém em outra ordem religiosa.

Para Octávio Paz, a vida religiosa no século XVII representava uma profissão. Muitas mulheres não tomavam o hábito por um chamado divino, e sim para estudar e disfrutar de certos prazeres que não eram permitidos às mulheres casadas. Nesse sentido, Paz assegura:

La mayoría de los críticos católicos piensan que Juana Inés escogió la vida religiosa por auténtica vocación, es decir porque escuchó el llamado de Dios. Es evidente que Juana era una católica sincera. No está en duda su ortodoxia. Pero olvidar que en esa época la vida religiosa era una ocupación como las otras sería mucho olvidar. Los conventos estaban llenos de mujeres que habían tomado el hábito no por seguir un llamado divino sino por consideraciones y necesidad mundanas [...]. (PAZ, 1982, p. 149)

Na Nova Espanha, as universidades e os colégios de ensino superior não permitiam a entrada de mulheres. Dessa maneira, a única possibilidade que existia de conseguir inserir-se nesse contexto, era vivendo na corte ou se envolvendo na igreja. Por mais que pareça estranho, eram os únicos lugares onde os dois gêneros conviviam em busca de conhecimento. E, nesse sentido, Sor Juana combinou os dois estilos de vida: o religioso (igreja) e o palaciano (corte).

A corte transmitiu à sociedade da Nova Espanha os modelos da cultura aristocrática europeia. Apesar de a Nova Espanha ter sido considerada uma sociedade culta, apenas uma minoria da população tinha acesso às instituições educativas da

época, que eram as igrejas e as universidades. Contudo, a corte também fazia parte dos espaços culturais da época, mas existia certa rivalidade entre essas instituições. Mesmo assim, nesse período, em Nova Espanha foram construídos vários conventos e mosteiros.

Dividiam-se os conventos em três espaços: o religioso, a mundana e o social. Esses espaços não só foram centros responsáveis pelo ensino, como também mantinham hospitais, orfanatos e asilos. As suas populações refletiam as complexas divisões por segmentos sociais: existiam conventos para espanhóis, *criollos*, um exclusivo para as descendentes dos conquistadores, outros de Corpus Christi e para as índias e nobres. Portanto, os conventos faziam parte da vida social, sendo espaços culturais onde aconteciam as tertúlias, as apresentações teatrais e os bailes. Além de serem centros culturais e religiosos, também exerciam uma atividade econômica muito intensa.

Nesse ambiente diverso, Sor Juana encontrou refúgio para compor seus versos e ler os livros que eram proibidos pela Inquisição. Além disso, ela também se queixou das intrigas e invejas de suas irmãs no espaço conventual. É muito provável que sua renúncia final às letras tenha sido resultado de uma conspiração clerical. Mas, mesmo diante de todas essas dificuldades, conseguiu sobreviver a mais de vinte anos de vida conventual, não só graças às suas qualidades morais e intelectuais, como por sua habilidade.

Contudo, para entender cabalmente Sor Juana é preciso situar ela na época tão especial que viveu: o Barroco. Segundo Paz, o Barroco da Nova Espanha foi o período mais rico em figuras literárias e também o mais longo, pois se estende até meados do século XVIII. Trata-se de um período prolífico e original. Costuma-se dizer que o barroco mexicano é um capítulo do barroco espanhol – Luis de Góngora, Francisco de Quevedo, Lope de Vega, Calderón de la Barca – e, dentro dessa originalidade nos deparamos com Sor Juana Inés de la Cruz. Paz afirma que a era barroca foi de extrema religiosidade e de uma sensualidade não menos extrema. Como manifestação literária, trata-se de um estilo capaz de comportar contradições:

La gran invención literaria de la Edad Barroca: el concepto, la unión de los contrarios, expresa con extraordinaria justeza el carácter de la época. Pero el caso de la sociedad barroca del siglo XVII no es único: rigorismo y libertinaje, pesimismo radical y sensualidad exaltada, ascetismo y erotismo, son actitudes que generalmente se dan juntas. (PAZ, 1982, p. 105)

De acordo com José Antonio Maravall, o Barroco deixou de ser um conceito de estilo, que se pode repetir e provavelmente se repetiu por várias fases da história da humanidade, para se tornar um “conceito de época”. O Barroco, nesse sentido, compreende-se um conjunto de fatores que embora ocorram separadamente, articulam-se política, econômica e socialmente formando uma única realidade. Dessa forma, essa conexão geográfica-temporal de articulação e recíproca dependência desses fatores, que aconteceu no século XVII europeu, criou uma relativa homogeneidade na mente e nos comportamentos dos homens.

Maravall não exclui a possibilidade de uma cultura estar aberta e receber correntes exóticas, que contam entre seus elementos com uma “mobilidade geográfica”, mas nesse caso não se trata de um parentesco intracultural, mas sim de contribuições isoladas que se integram em conjuntos diferentes. A cultura barroca se estende as mais variadas manifestações da vida social e do trabalho humano. Embora predominem, em partes, há outras em partes diferentes que a área geográfica que essa cultura se estende. Nesse sentido, o Barroco não pode ser visto apenas como apenas mais um evento na humanidade.

Pode-se falar na ciência barroca, na arte barroca, de economia barroca, de política barroca e assim por diante; pode haver correspondências entre elementos externos ou formais que ocorram nesses campos. Mas a pintura barroca, a economia e a arte barroca, etc. só podem ser referidas quando as manifestações que recebem aquele termo se desenvolvem em uma mesma situação, sob a ação de igual condição, respondendo as mesmas necessidades vitais e sofrendo inegável influência modificadora por parte de outros fatores. Assim cada uma delas é alterada, em dependência, portanto do conjunto da época, à qual hão de se referir as mudanças observadas. Dessa maneira, o Barroco é um conceito de época que se estende a todas as manifestações integradas a sua cultura.

É nesse sentido, portanto, que deveríamos enquadrar as reviravoltas dessa mulher na Nova Espanha e, também, as posições que soube sustentar da sua famosa “Carta Atenagórica”, pois na análise dos trechos a seguir será possível notar como Sor Juana estruturou seu discurso através do jogo de palavras que o Barroco permitiu para que ela exponha o “explícito/implícito” – de acordo com o que era possível na época. Trata-se de uma polêmica que marca o final da vida de Sor Juana.

Em 1690, Sor Juana envia uma carta ao bispo de Puebla, Manuel De Santa Cruz. Essa carta foi uma crítica ao sermão do jesuíta Antônio Vieira. Em 1693, Juana parou

de escrever, provavelmente temendo a censura da igreja. Depois disso, foi obrigada a se desfazer de sua biblioteca e de seu patrimônio artístico, que acumulou ao longo dos anos. Posteriormente, houve uma epidemia de tifo no convento de San Jerónimo, que levou a morte muitas irmãs. Sor Juana cuidando de suas irmãs de convento se contagiou e morreu em 17 de abril de 1695 aos 46 anos.

SEGUNDA PARTE: A “CARTA ATENAGÓRICA” E SEU JOGO

No ano de 1690, na cidade de Puebla, surgiu um folheto intitulado: “Carta Atenagórica elaborada por la madre Juana Inés de la Cruz, religiosa de velo y coro en el muy convento de San Jerónimo” (apud. PAZ, 1982, p. 511). O bispo de Puebla, Manuel Fernández de Santa Cruz, amigo de Sor Juana, pede-a que faça uma crítica ao “Sermão do Mandato” do padre Antônio Vieira de 1650, o qual foi pronunciado na capela real de Lisboa, quarenta anos antes. O jesuíta Vieira confessor dos vice-reis e também de Sor Juana: foi uma pessoa muito respeitada e de grande influência. Trata-se de uma figura importante e comum às histórias do Brasil, Portugal e Espanha.

Pela admiração que nutria pelo bispo, a freira aceita fazer a crítica ao “Sermão do Mandato”, mas exige confidencialidade sobre o que vai escrever. Conforme Paz: “Sor Juana, como mujer, no podía decir sermones, pero sí podía escribir críticas de ellos” (PAZ, 1982, p.83). Isso foi exatamente o que ela fez em sua célebre “Carta Atenagórica”. A produção desta obra marca o início do fim da produção literária sorjuanina. Percebemos claramente que a monja, ao escrever a carta, utiliza argumentos com o intuito de comprovar que o que padre Antônio escreveu não estava em conformidade com a doutrina da Igreja Católica.

É possível que a resposta a essa carta tenha sido escrita pelo próprio bispo. Porém com a intenção de não ser identificado, omitiu o seu nome e usou um pseudônimo feminino de Sor Filotea de la Cruz, discordando dos argumentos de Sor Juana. Sendo assim, nota-se uma contradição no discurso do bispo de Puebla. Ao mesmo tempo em que reprova a Sor Juana pelos excessos de atividades intelectuais, ele também a elogia ao ponto de publicar a carta e a intitular de “Carta Atenagórica”, que quer dizer: “digna da sabedoria de Atena”.

O motivo dessa discussão foi que em seu sermão o padre Vieira tinha proposto um “novo” aspecto para falar sobre o amor de Cristo. Então, a partir das suas noções sobre retórica e argumentação, Sor Juana elabora respostas que irão discordar da opinião do padre. Sendo que, ao se aventurar no campo da teologia, Sor Juana conseguiu chamar a atenção dos homens daquela sociedade, que consideraram sua atitude uma ousadia, já que as mulheres não eram permitidas a participação em espaços exclusivos para homens.

A carta de Sor Juana e o “Sermão do Mandato” tinham objetivos diferentes. O “Sermão do Mandato” tinha a finalidade de persuadir o interlocutor. Tratava-se de uma

estratégia argumentativa para atingir as metas de persuasão desejadas. Diferente da carta, cujo objetivo era debater e provar, por meio da articulação de suas ideias e ponto de vista, que a maneira que o padre havia questionado sobre as “finezas” de Cristo, antes da sua morte, não correspondia com a posição tradicional da Igreja Católica.¹

Carta *versus* Sermão

Sor Juana inicia seu texto sem mencionar o seu destinatário. No entanto, diz que escreve purificada de toda paixão, pois, segundo ela, existem três razões para amar o orador que critica: o fato de pertencer à Companhia de Jesus, da qual ela se sente filha; ter um enorme talento; e por professar uma “oculta simpatia” por sua nação. Trata-se, a partir desse ponto, de divergir dos argumentos utilizados no SM, no qual o padre Antônio Vieira discordava da visão de três santos padres a respeito das “finezas de Cristo no final de sua vida”. São eles: Santo Agostinho, São Tomás de Aquino e São João Crisóstomo.

A CA inicia-se com argumento que expõe a opinião de Santo Agostinho, o qual afirma que a maior fineza de Cristo foi morrer pelos homens. Nesse sentido, Vieira refuta o argumento do padre, e diz que, para Cristo o maior sacrifício não foi perder a vida, e sim ausentar-se dos homens. Para fundamentar sua visão, Vieira cita o texto de Madalena, que chora no sepulcro e não aos pés da cruz e o texto da agonia no Huerto. Para opor-se a visão do Padre Vieira, Sor Juana diz que a maior fineza de Cristo foi dar a vida pelos homens. Ela contra argumenta que Cristo, ao morrer, não se ausenta, pois fica presente no sacramento do Cenáculo.

Em segundo lugar, o padre Antônio Vieira apresenta a opinião de São Tomás, que afirma que a maior fineza de Cristo foi permanecer em espírito com os homens, após sua morte, no Sacramento da Eucaristia: “No fue, sino quedarse sin uso de sentidos en ese Sacramento” (CA, 1690, p.07). Sor Juana, surpresa, questiona: “¿Qué forma de arguir es ésta? El santo propone en género; el autor responde en especie. Luego no vale el argumento”. (CA, 1690, p.07)

Por fim, o terceiro ponto de vista é o de São Crisóstomo, que defendeu ser a maior fineza de Cristo lavar os pés dos seus discípulos, entre eles, os de Judas. Mais uma vez, Vieira contesta o seu argumento e diz que não foi a maior fineza lavar os pés,

¹ Com o intuito organizar a minha escrita, doravante, sempre que mencionar “Carta Atenagórica” e “Sermão do Mandato” utilizarei as siglas CA e SM, respectivamente.

e sim a causa que o motivou a lavá-los. Sor Juana contesta dizendo que essa afirmação não tem fundamento, pois vai de efeito a causa, sendo que efeito e causa são relativos, não podem ser separados.

Para contrapor a sua opinião à de Vieira, Sor Juana começa a desenvolver seu argumento definindo “fineza”: “Es fineza, acaso, tener amor? No, por cierto, sino las demostraciones del amor: ésas se llaman finezas. Aquellos signos exteriores demostrativos, y acciones que ejercita el amante, siendo su causa motiva el amor, eso se llama fineza” (CA, apud. PAZ, 1982, p.512). A monja continua argumentando que lavar os pés dos discípulos é a fineza, mas a causa é o ato de amar. Logo, lavar os pés de Judas foi um ato de amor de Cristo por todas as criaturas.

Por fim, após defender a posição dos três santos padres aos quais Vieira tenta refutar, a monja enfrenta a opinião do padre sobre um tema muito debatido em sua obra “amor e correspondência”. Por um lado, Vieira conclui que a maior fineza de Cristo foi “amar os homens sem esperar que o amassem de volta”, exigindo apenas que amassem uns aos outros. Por outro lado, Sor Juana critica as proposições de Vieira, e segue sua argumentação dizendo que o amor de Cristo é autossuficiente, por isso não necessita de correspondência. Para ela, se nós ansiamos essa reciprocidade, é por falha da nossa natureza humana.

O interessante, porém, chegado a este ponto, é menos a discussão teológica do que a posição que assume Sor Juana como participante dessa polêmica. Sor Juana escreve:

Con lo cual me parece que, aunque con mi rudeza, cortedad y poco estudio, he obedecido a V.M. en lo que me mandó. La demasiada prisa con que lo he escrito no ha dado lugar a pulir algo más el discurso, porque festinans canis caecos parit catulos. Remítote en embrión, como suele la osa parir sus informes cachorrillos; y así lleva este defecto más, entre los muchos que V.M. le reconocerá. Pero todos van a sus manos de V.M. Unos corregirá con discreción y otros suplirá con su amistad. El asunto también, con su dificultad, deja disculpado el no conseguirse; pues en blanco inaccesible no queda tan desairado el yerro del tiro como en los comunes, y basta para bizarría en los pigmeos atreverse a Hércules. A vista del elevado ingenio del autor aun los muy gigantes parecen enanos. ¿Pues qué hará una pobre mujer? Aunque ya se vio que una quitó la clava de las manos a Alcides, siendo uno de los tres imposibles que veneró la antigüedad. Y hablando más a lo cristiano, quae stulta sunt mundi elegit Deus, ut confundat sapientes; et infirma mundi elegit Deus, ut confundat fortia; et ignobilia mundi et contemptibilia elegit Deus, et ea quae non sunt, ut ea quae sunt destrueret: ut non gloriatur omnis caro in conspectu eius. Creo cierto que si algo llevaré de acierto este papel, no es obra de

mi entendimiento, sino sólo que Dios quiere castigar con tan flaco instrumento la, al parecer, elación de aquella proposición: que no habría quien le diese otra fineza igual, con que cree el orador que puede aventajar su ingenio a los de los tres Santos Padres y no cree que puede haber quien le iguale. Y pensando que no se estrechó la mano de Dios a Augustino, Crisóstomo y Tomás, piensa que se abrevió a él para no poder criar quien le responda. Que cuando yo no haya conseguido más que el atreverme a hacerlo, fuera bastante mortificación para un varón tan de todas maneras insigne; que no es ligero castigo a quien creyó que no habría hombre que se atreviese a responderle, ver que se atreve una mujer ignorante, en quien es tan ajeno este género de estudio, y tan distante de su sexo; pero también lo era de Judit el manejo de las armas y de Débora la judicatura. Y si con todo, pareciere en esto poco cuerda, con romper V.M. este papel quedará multado el error de haberlo escrito. (CA, 1690, p.15)

Sor Juana, na época em que escreveu a crítica ao SM, tinha consciência do que estava fazendo e a quem queria atingir com a sua retórica, de modo que quem a conhecia poderia entender o significado das suas estratégias argumentativas. No excerto acima, está implícito que não foi por vontade própria que ela escreveu a carta, e sim para atender a um pedido, que o bispo lhe fizera. Então inicia dizendo que apesar do pouco conhecimento, havia atendido ao pedido do bispo. Segundo Paz, a partir da publicação dessa carta, a sociedade novo hispânica ficou ciente de algo até então desconhecido “la aparición de una consciencia femenina”. (PAZ, 1982, p.533)

Sor Juana inicia seu discurso, em latim: “festinans canis caecos parit catulos” (um cão cego dá a luz a filhotes às pressas). Dentro desse viés, partindo de uma perspectiva analítica dessa expressão, consegue-se interpretar que ela está se referindo a si mesma, na medida em que associa a “cegueira do cão” à sua condição invisível dentro da sociedade, devido ao seu gênero. Além disso, interpreta-se da ‘luz’, mencionada pela poetisa, que a partir da crítica feita ao SM, ela surgirá – começará a ser vista – pela sociedade na qual vivia.

Por fim, depreende-se a partir dessa expressão escrita pela poetisa, que ela descreve seu estado não só durante, mas após a resposta à crítica do SM: ela, enquanto mulher, era invisível na esfera social. No entanto, a partir do momento que essa resposta fosse enviada, ela sabia da possibilidade de passar a ter visibilidade entre aqueles que a cerceavam e as consequências que pudesse vir a sofrer. No momento em que foi sugerida a Sor Juana que elaborasse uma crítica ao SM, ela percebeu a possibilidade de revelar para alguns, através do uso de metáforas, aquilo que não podia ser dito

explicitamente. Assim explica: “La demasiada prisa con que lo he escrito no ha dado lugar a polir algo más el discurso” (CA, 1690, p.15).

“...quae stulta sunt mundi elegit Deus, ut confundat sapientes; et infirma mundi elegit Deus, ut confundat fortia; et ignobilia mundi et contemptibilia elegit Deus, et ea quae non sunt, ut ea quae sunt destrueret: ut non gloriatur omnis caro in conspectu eius” (Deus escolheu as coisas loucas do mundo para confundir as sábias. e Deus escolheu os fracos do mundo para confundir os fortes; E Deus escolheu as coisas humildes e desprezíveis do mundo, e as coisas que não são para destruir as coisas que são: para que toda a carne não se glorie diante dele). (CA, 1690, p.15)

Nesse trecho em latim, a freira usa um jogo de contrários para explicar que foi escolhida por Deus para desestabilizar aquela estrutura que se achava inabalável. Embora faça uso dos verbos no infinitivo (confundir e destruir), sabemos que ela está falando a respeito de seu contexto, que incluía a si mesma e os demais. Além disso, utiliza de ironia todo o tempo, sempre se colocando em um lugar subalterno, ao mesmo tempo em que eleva os outros a condição de Deus, mas não porque os consideravam divindades, mas sim porque eles (os homens) se autoconsideravam a partir do momento que possuíam o poder político e institucional.

Dessa forma, justamente por dotarem do poder social que controlava a sociedade da época, Sor Juana induz a entender que eles se equiparavam a condição de Deus, já que não havia quem pudesse confrontar os seus interesses e direitos devido ao lugar que ocupavam dentro dos privilégios de gênero que garantiam os privilégios políticos. Por isso, quando ela diz: “[...] para que toda a carne não se glorie diante dele”, depreende-se que diante de tudo anteriormente dito e que se refere a ela como fraca, mas ao mesmo tempo forte o suficiente para enfrentar aquelas pessoas, ela quer dizer que não há qualquer coisa mortal e efêmera capaz de se igualar a condição e o lugar de Deus, seja na sua imagem, representação ou ação. Que até mesmo aquilo que é “fraco” consegue se impôr de tal modo que abala as estruturas do inabalável.

De fato, com o olhar direcionado para a sociedade do século XVII, era inimaginável que uma mulher ousasse a desafiar aquela cultura machista. Porém, de modo implícito a monja o fez. A confirmação está nas palavras a seguir:

“... que no es ligero castigo a quien creyó que no habría hombre que se atrevese a responderle, ver que se atreve una mujer ignorante, en

quien es tan ajeno este género de estudio, y tan distante de su sexo...” (CA, 1690, p.15).

A monja começa a frase ironizando ser um castigo que ela, como mulher, estivesse afrontando a quem acreditava que nem um “homem” pudesse fazê-lo. Proferida essas palavras, Sor Juana tinha convicção que iria atingir a alvo desejado por ela, o arcebispo Francisco de Aguiar y Seijas. Por esse motivo, Paz explica:

La CA es un texto polémico en el que la crítica a Vieira esconde una crítica a Aguiar. Esa crítica la hace una mujer, nueva humillación para Aguiar que odiaba y despreciaba a las mujeres. (PAZ, 1982, p. 526).

Para compreendermos isso, não podemos esquecer que, devido à falta de respeito que ele tinha pelas mulheres, seria uma grande humilhação para o arcebispo saber que foi Juana quem fez a crítica. Sor Juana tinha discernimento para entender que estava afrontando uma parte da sociedade que não ia admitir tal ousadia, de modo que ela poderia ter problemas por causa de sua atitude. Nesse sentido, o que observamos foi que ela não desperdiçou a oportunidade de dar uma resposta a esse grupo que sempre a cerceou. A crítica ao SM possibilitou o seu intuito, tanto que, em outro momento ela diz: “...pues en Blanco inaccesible no queda tan desairado el yerro del tiro...” (CA, 1690, p.15).

Sor Filotea de la Cruz contesta

A CA foi seguida de outra endereçada a Sor Juana, escrita pelo bispo Manuel Fernandez de Santa Cruz, mas que assina com o nome de Sor Filotea de la Cruz.² Trata-se de um texto breve e objetivo, em que Sor Filotea admira a crítica da poetisa ao “Sermão do Mandato” do padre Vieira, e ao mesmo tempo a critica por sua dedicação as letras, e também a repreende por não se consagrar aos assuntos sagrados. Sor Filotea segue argumentando:

Yo, a lo menos, he admirado la viveza de los conceptos, la discreción de sus pruebas y la enérgica claridad con que convence el asunto, compañera inseparable de la sabiduría; que por eso la primera voz que pronunció la Divina fue luz, porque sin claridad no hay voz de sabiduría. Aun la de Cristo, cuando hablaba altísimos misterios entre los velos delas parábolas, no se tuvo por admirable en el mundo; y sólo cuando habló claro, mereció la aclamación de saberlo todo. Éste

² Doravante, essa carta é mencionada como CSFC.

es uno de los muchos beneficios que debe V. md. A Dios; porque la claridad no se adquiere con el trabajo e industria: es don que se infunde con el alma. (CSFC, 1690, p.19)

O objetivo do prólogo era permitir que Sor Juana, como dito anteriormente, elaborasse sua defesa, no entanto nem mesmo o bispo de Puebla pode prever qual seria a resposta da monja. Além disso, percebeu-se que, mesmo sem sair do convento, e somente através de cartas e da visitação de algumas pessoas, Juana Inés conseguiu ter o domínio da atividade desafiadora, que é ler e compreender as passagens bíblicas. Os usos de alguns termos expressam o quão Sor Filotea ficou estarrecida ao ler a crítica ao SM, e admirada segue: “(...) la enérgica claridade con que convence el asunto, compañera inseparable de la sabiduría”. Era impressionante como uma pessoa que ficou enclausurada por tanto tempo tivesse essa clareza de pensamento para manifestar os seus argumentos.

Difícil de acreditar que uma mulher pudesse tratar com tanta profundidade o tema que lhe foi proposto, e ademais imergir no campo da teologia e demonstrar um amplo conhecimento sobre a existência de Cristo. Por isso, Sor Filotea diz: “La primera voz que pronunció la Divina fue luz, porque sin claridad no hay voz de sabiduría”. Ou seja, pode-se inferir do termo “voz” o fato de que antes não era ouvida, mas que se transformou na ‘voz’ da resistência a qual, para surpresa de muitos, além de enfrentar todo o tipo preconceito, conseguiu-se sobressair numa sociedade fechada para as mulheres, visto que se tratava de uma época em que era difícil ser uma mulher como Sor Juana, numa sociedade governada por homens.

A “clareza” em Juana está relacionada ao saber que ela tinha, mas que até então era desconhecido. Simbolicamente, a clareza refere-se à “liberdade”; antes ela vivia numa “prisão interior”, a “escuridão” em que foi obrigada a submeter-se para ter a oportunidade de aprender, porém o pedido do bispo para fazer a crítica ao SM a possibilitou de sair da escuridão em que se encontrava. Através da “clareza” mencionada por Sor Filotea, foi possível revelar aquilo que estava oculto. De certa forma, portanto, a CSFC acaba potenciando os argumentos liberadores da CA.

Por fim, sobre a “luz” entende-se que é a “luz da vida”, o princípio de tudo, luz que rege os caminhos com a clareza necessária para que se consiga ver e entender a sociedade a qual pertencia. Assim, essa “luz” foi o meio que a conduziu em busca do “conhecimento”, do “saber”, que ela tanto ansiou. Por último, Sor Filotea explica: “porque la claridad no se adquiere con el trabajo e industria: es don que se infunde con

el alma”. Isso significa que essa condição de Sor Juana de conseguir enxergar, ainda que vivendo enclausurada, apenas tendo informações por cartas, é um dom único, algo inerente como a alma ao corpo.

Resposta a Sor Filotea de la Cruz

Em um jogo de polêmica barroca, Sor Juana elaborou a “Respuesta de la poetisa a la muy ilustre Sor Filotea de la Cruz”.³ Os argumentos usados pela monja tanto servem como resposta ao bispo e seus sucessores, como também em sua autodefesa. Por isso, argumenta: “Bien se deja en esto conocer cuál es la fuerza de mi inclinación. Bendito sea Dios que quiso fuese a las letras y no a otro vicio, que fuera en mí casi insuperable...” (RSFC, 1691, p. 29). Inicia a carta com o parágrafo: “Al llegar en mis manos, impresa, la carta que vuestra propiedad llamó *Atenagórica*, prorrumpí en lágrimas, con no es ser esto en mí muy fácil”. (RSFC, apud. PAZ, 1982, p. 538)

Ao longo da carta, Juana todo o tempo fala de si própria e tudo que precisou abdicar para concluir o seu projeto de vida. Percebe-se que a monja, para conseguir sobreviver naquele meio, usou um recurso já observado em seus escritos, o qual consiste num jogo de palavras que, implicitamente, demonstra suas opiniões. Ainda tentando se proteger, revela que escreveu a crítica a pedido de alguém a quem ela não podia desobedecer e que não havia participado da publicação.

Sor Juana, desde bem pequena, apesar de ainda não ter noção do meio em que vivia, deu-se conta de que ‘o saber’ para ela representava uma meta de vida. Nessa perspectiva, mostra-nos o quão foi transgressora: mulher e monja, que em tese não devia se ocupar dos assuntos do mundo, contudo fez o contrário. Em um trecho de RSFC, Sor Juana menciona que às mulheres era proibido falar em público nas catedrais. No entanto, o ato de estudar e aprender a quem Deus havia dado esse dom era permitido.

Continuando em sua fala, diz que, por outro lado, aos homens também deveria ser proibido – pois não eram – uma vez que esses pensam que “sabem de tudo” apenas por ser quem são, e que segundo ela, há muitos homens que estudam para “ignorar”, tal quais os “arrogantes de espírito”, que é como são tratados por ela. Logo, depreende-se de sua visão que a ignorância é o mal terrível do qual não se pode lutar. Nesse sentido,

³ Doravante, essa carta é mencionada como RSFC.

entende-se “a ignorância” não pela falta do saber, mas de um indivíduo que, ainda que detenha o conhecimento, age para favorecer a si próprio. Dessa maneira, se fizermos uma comparação entre “a ignorância” e “o saber” pode-se dizer que um termo representa a “escuridão” e o outro a “clareza”, respectivamente.

Ainda na RSFC, a monja argumenta: “A éstos, más daño les hace el saber que les hiciera el ignorar” (RSFC, 1691, p.36). Aqui, então, vai à afirmação de que o mal não está no ato de estudar, e sim no uso que vamos fazer daquilo que aprendemos. É justamente esse ponto que Sor Juana critica, pois para ela uma mente com conhecimento agirá com prudência. No entanto, o que ocorreu na sociedade nova hispânica foi exatamente o contrário. O que se presenciou naquele contexto foi a resistência daqueles que se achavam superiores, pois sempre que podiam, agiam em causa própria. Finalizando, diz em latim: “In malevolam animam non introibit sapientia” (a sabedoria não entrará em um ninho malévolos). Logo, pode-se extrair desse trecho a ideia de que por mais que se estude e exista a busca pela sabedoria, a arrogância torna-se uma barreira que impede com que seja alcançada. De acordo com esta perspectiva, Sor Juana continua:

A éstos, vuelvo a decir, hace daño el estudiar, porque es poner espada en manos del furioso; que siendo instrumento nobilísimo para la defensa, en sus manos es muerte suya y de muchos. Tales fueron las Divinas Letras en poder del malvado Pelagio y del protervo Arrio, del malvado Lutero y de los demás heresiarcas, como lo fue nuestro Doctor (nunca fue nuestro ni doctor) Cazalla; a los cuales hizo daño la sabiduría porque, aunque es el mejor alimento y vida del alma, a la manera que en el estómago mal acompleccionado y de viciado calor, mientras mejores los alimentos que recibe, más áridos, fermentados y perversos son los humores que cría, así estos malévolos, mientras más estudian, peores opiniones engendran; obstrúyeseles el entendimiento con lo mismo que había de alimentarse, y es que estudian mucho y dígieren poco, sin proporcionarse al vaso limitado de sus entendimientos. A esto disse el Apóstol: Dico enim per gratiam quae data est mihi, omnibus qui sunt inter vos: Non plus sapere quam oportet sapere, sed sapere ad sobrietatem: et unicuique sicut Deus divisit mensuram fidei. Y en verdad no lo dijo el Apóstol a las mujeres, sino a los hombres; y que no es sólo para ellas el taceant, sino para todos los que no fueren muy aptos. Querer yo saber tanto o más que Aristóteles o que San Agustín, si no tengo la aptitud de San Agustín o de Aristóteles, aunque estudie más que los dos, no sólo no lo conseguiré sino que debilitaré y entorpeceré la operación de mi flaco entendimiento con la desproporción del objeto. (RSFC, 1691, p.36)

Sor Juana reafirma sua posição: “(...) hace daño el estudiar, porque es poner espada en manos del furioso; que siendo instrumento nobilísimo para la defensa, en sus manos es muerte suya y de muchos.” Pode-se inferir que a “espada” a qual Sor Juana se refere simboliza um instrumento de poder, de autoridade, que quando em mãos erradas, provoca a destruição. Afirma em latim:

Dico enim per gratiam quae data est mihi, omnibus qui sunt inter vos: Non plus sapere quam oportet sapere, sed sapere ad sobrietatem: et unicuique sicut Deus divisit mensuram fidei. (Pois digo, à graça que me foi dada, a todos que estavam entre vós: não para ser mais sábio do que a sabedoria traz, mas para ser sábio para a sobriedade: e para cada uma como Deus partiu a medida da fé). (RSFC, 1691, p.36)

Com efeito, Sor Juana, em sua autodefesa, argumenta que devido à facilidade que lhe é inerente para o aprendizado e que foi graça recebida de Deus, ela o busca sem pretensão. A partir desse ponto, nota-se que Juana trata a sabedoria apenas como um caminho que ela deveria percorrer para chegar ao conhecimento. Trilhando nesse caminho, o que a monja desejava era ter acesso ao aprendizado, mas com a finalidade de aperfeiçoar sua lente para enxergar e compreender melhor através de suas vivências enquanto mulher naquela sociedade. Sendo assim, o que a monja almejava era ser: “sed sapere ad sobrietatem” (sábia para a sobriedade). Ou seja, ela tinha o desejo de ter discernimento para reconhecer o seu lugar perante a noção acerca da sabedoria enquanto a personificação de algo maior.

Por fim, a monja cita Aristóteles e Santo Agostinho, pois se trata de dois grandes filósofos que contribuíram para o pensamento. É interessante como a monja era exigente consigo mesma, e reconhece que esses homens dedicaram suas vidas à busca pela sabedoria, e por mais que ela tente, tenha dedicado sua vida aos estudos, jamais alcançaria a sabedoria deles:

Querer yo saber tanto o más que Aristóteles o que San Agustín, si no tengo la aptitud de San Agustín o de Aristóteles, aunque estudie más que los dos, no sólo no lo conseguiré sino que debilitaré y entorpeceré la operación de mi flaco entendimiento con la desproporción del objeto. (RSFC, 1691, p.36)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A minha pesquisa teve a finalidade não apenas de sintetizar a vida e obra de uma das maiores escritoras mexicanas pertencentes ao período do barroco da América Latina, Sor Juana Inés de La Cruz, mas também de apresentar o modelo de sociedade em que viveu. Além disso, teve o intuito de destacar algumas limitações existentes no que concerne o lugar da figura feminina, não só na literatura, como também em outros espaços sociais.

Assim, o que se evidenciou foi que, embora a monja tenha vivido em um período no qual não existiam movimentos que pleiteassem os direitos das mulheres, ela, implicitamente, reivindicou esses espaços.

Na CA, Sor Juana dialoga sobre a noção de sabedoria e conhecimento, e traz consigo alguns apontamentos que indicam a opinião da monja acerca desses aspectos e como eles se manifestam individualmente e coletivamente. A monja tinha na sua essência a sabedoria a qual os livros não se propõem a ensinar. Portanto, essa sabedoria foi primordial para Sor Juana, pois a conduziu para que alcançasse o conhecimento que tanto almejou, sem muitos holofotes, visto que ser percebida poderia dificultar os seus objetivos.

A noção de sabedoria que a monja carrega não está vinculada à inteligência, ou seja, à capacidade do ser humano para o aprendizado, mas sim a um conhecimento profundo que a habilita para se comportar com retidão. Sendo assim, a partir dessa premissa, percebeu-se que Juana trata a sabedoria apenas como um caminho que ela deveria percorrer para chegar ao conhecimento, pois esse representava uma forma de libertação. Portanto, o seu único desejo era ter acesso ao aprendizado, justamente por um objetivo pleno de aperfeiçoar sua lente para enxergar e compreender melhor através de suas vivências enquanto mulher naquela sociedade.

Nesse sentido, nota-se que ela destoa do ideal de “obter sabedoria” por compreender que esse lugar pode corromper a alma e torná-la tão igual quanto aqueles aos quais ela direcionava suas críticas indiretamente. Tendo em vista tudo o que exposto, depreende-se então que esses indivíduos, portanto, utilizaram do ato de estudar para tornarem-se mais sábios que a própria sabedoria, o que não era o objetivo da monja.

Estamos diante de uma mulher que sempre teve a clareza dos seus objetivos, buscava o conhecimento e, para alcançá-lo, enfrentou e superou todos os obstáculos.

Dessa maneira, a sabedoria desejada por ela não estava incluso o engrandecimento pessoal ou algo que garantisse uma posição privilegiada, mas sim o direito ao aprendizado. Essa sabedoria que impõe, intimida o ser humano, que se manifesta nas formas mais sutis, porém igualmente destrutivas, ela não aspirava. De forma que chegar a essa sabedoria na sua concepção, poderia levá-la a agir igual a aquelas pessoas, que se diziam sábias, a qual não se espelhava.

Por fim, a partir de todas essas reflexões, compreende-se o quanto foi lenta e árdua a inserção da mulher no cenário literário. Sendo assim, uma personalidade como Sor Juana foi exemplo fundamental para que conseguíssemos adentrar nesses espaços. Apesar de ter vivido no século XVII, o contato com a sua obra é de grande relevância para que se entendam os obstáculos vividos por mulheres que se aventuraram em imergir em um universo “masculino”. E, nesse sentido, mulheres como Sor Juana são fontes de inspiração para o surgimento e empoderamento de mulheres que desejam, na atualidade, também adentrar espaços majoritariamente constituídos por homens.

Por enquanto, minha pesquisa fica por aqui, mas reconheço o quão enriquecedor foi o conhecimento obtido nesses meses de investigação.

BIBLIOGRAFIA

DE SOUZA GABRIEL, Ruan. Sor Juana Inés de La Cruz: uma feminista barroca.

Época, 2018. Disponível em:

<https://epoca.oglobo.globo.com/cultura/noticia/2018/01/sor-juana-ines-de-la-cruz-uma-feminista-barroca.htm>. Acesso em: 15 de mai. de 2023.

FILOTEA DE LA CRUZ, Sor. Carta de Sor Filotea de La Cruz. Destinatário: Sor Juana Inés de la Cruz. Nova Espanha, 25 nov. 1690.

JUANA INÉS DE LA CRUZ, Sor. Carta Atenagórica. Destinatário: Obispo de Puebla (Sor Filotea de La Cruz). Nova Espanha, nov. 1690.

JUANA INÉS DE LA CRUZ, Sor. Respuesta de la poetisa a la muy ilustre Sor Filotea de la Cruz. Destinatário: Sor Filotea de la Cruz. Nova Espanha, mar. 1691.

MARAVALL, José Antonio. *La cultura del barroco: Análisis de una estructura histórica*. Barcelona: Editorial Ariel, 1975.

PAZ, Octavio. *Os Filhos do Barro: Do romantismo à vanguarda*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, S.A, 1984.

PAZ, Octavio. *Sor Juana Inés de La Cruz: o Las trampas de la fe*. Barcelona: Editorial SeixBarrala, S.A, 1982.

